

24 - 11 | 2024

EFEITOS DA RECAPITALIZAÇÃO DO SISTEMA FINANCEIRO MOÇAMBICANO PARA O CRESCIMENTO ECONÓMICO EM MOÇAMBIQUE – CASO MOZA BANCO 2015-2020

Effects of the Recapitalization of the Mozambican Financial System on Economic Growth in Mozambique – Moza Banco Case 2015-2020

Efectos de la recapitalización del sistema financiero mozambiqueño en el crecimiento económico de Mozambique – Caso Moza Banco 2015-2020

Migueias Adriano¹

¹(Mestre em Finanças Empresariais, Docente na Universidade Pedagógica de Maputo, Moçambique, código ORCID, migueiasdeaderiano@gmail.com).

Autor para correspondência: migueiasdeaderiano@gmail.com)

Data de recepção: 04-10-2024

Data de aceitação: 10-11-2024

Como citar este artigo: Adriano, A. (2024). Efeitos da recapitalização do Sistema Financeiro Moçambicano para o crescimento económico em Moçambique – caso Moza Banco 2015-2020. *ALBA - ISFIC Research and Science Journal*, 1(5), 75-90. <https://alba.ac.mz/index.php/alba/issue/view/7>.

RESUMO

Esta pesquisa, tem como objectivo analisar os efeitos da recapitalização do sistema financeiro para o crescimento económico em Moçambique desde 2015-2020, especialmente a recapitalização do Moza Banco, ocorrida no ano de 2017, que consistiu fundamentalmente na melhoria dos indicadores prudenciais do banco. Devido a elevada carteira de clientes do Moza Banco, o Banco de Moçambique interveio em duas instituições de crédito no período em estudo, assumindo a gestão directa do Moza Banco e revogando a licença de exercício de actividade no Nosso Banco (liquidação), com o objectivo de mitigar o risco de contágio para todo o sistema, proteger os interesses dos depositantes e dos demais credores, bem como, assegurar a estabilidade dos mercados financeiros. A existência de um rácio de solvabilidade adequado é um elemento importante para a estabilidade do sistema bancário, pois, pressupõe uma boa capacidade de absorção de perdas resultantes de choques adversos sobre os balanços das instituições, continuando assim a desempenhar

o seu papel de intermediação financeira. No objectivo de alcançar os resultados, com base na análise dos Efeitos da Recapitalização do Sistema Financeiro para o crescimento económico em Moçambique no período entre 2015 a 2020 no Moza Banco, devido aos factores conjunturais e a situação económica de Moçambique, motivou ao autor realizar a presente pesquisa com o suporte metodológico de pesquisa bibliográfica através de consulta de diversas obras literárias e documentos publicados, guias de entrevista para o Banco de Moçambique, do Moza Banco e da Associação Moçambicana de Bancos, a análise dos rácios prudenciais do Banco do período, a análise da estatística sobre o crescimento económico permitiu concluir que a recapitalização do Moza Banco trouxe efeitos positivos para o crescimento económico e robustez do sistema financeiro, olhando pela impotência do deste banco no mercado, devido a carteira de clientes avaliada em 8 mil empresas e 93 mil particulares. O estudo analisa os limites dos rácios prudenciais para assegurar maior solidez do sistema financeiro e o interesse dos depositários, combinadas com as medidas de

supervisão rigorosas ás instituições de crédito e sociedades financeiras.

Palavras-chave: Recapitalização, Sistema Bancário, Crescimento Económico, Moçambique e Moza Banco.

ABSTRACT

This research aims to analyze the effects of the recapitalization of the financial system on economic growth in Mozambique since 2015-2020, especially the recapitalization of Moza Banco, which took place in 2017, which consisted mainly of improving the bank's prudential indicators. Due to Moza Banco's high customer portfolio, Banco de Moçambique intervened in two credit institutions in the period under study, taking over the direct management of Moza Banco and revoking the license to carry out activity in Nosso Banco (liquidation), with the aim of mitigating the risk of contagion for the entire system, protecting the interests of depositors and other creditors, as well as ensuring the stability of the financial markets. An adequate solvency ratio is an important element for the stability of the banking system, as it presupposes a good capacity to absorb losses resulting from adverse shocks to institutions' balance sheets. In order to achieve the results, based on the analysis of the Effects of the Recapitalization of the Financial System on economic growth in Mozambique in the period between 2015 and 2020 at Moza Banco, due to conjunctural factors and the economic situation of Mozambique, motivated the author to carry out this research with the methodological support of bibliographic research through consultation of several literary works and published documents, interview guides for the Bank of Mozambique, Moza Banco and the Mozambican Association of Banks, the analysis of the Bank's prudential ratios for the period, the analysis of statistics on economic growth allowed us to conclude that the recapitalization of Moza Banco brought positive effects for economic growth and robustness of the financial system, looking at the importance of this bank in the market, due to the customer portfolio valued at 8

thousand companies and 93 thousand individuals. The study analyses the limits of prudential ratios to ensure greater soundness of the financial system and the interest of depositaries, combined with strict supervisory measures for credit institutions and financial companies.

Keywords: Recapitalization, Banking System, Economic Growth, Mozambique and Moza Banco.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo analizar los efectos de la recapitalización del sistema financiero en el crecimiento económico de Mozambique desde 2015-2020, especialmente la recapitalización de Moza Banco, que tuvo lugar en 2017, que consistió principalmente en mejorar los indicadores prudenciales del banco. Debido a la alta cartera de clientes de Moza Banco, el Banco de Moçambique intervino en dos instituciones de crédito en el período bajo estudio, asumiendo la gestión directa de Moza Banco y revocando la licencia para realizar actividad en Nosso Banco (liquidación), con el objetivo de mitigar el riesgo de contagio para todo el sistema, protegiendo los intereses de los depositantes y otros acreedores, así como garantizar la estabilidad de los mercados financieros. La existencia de un coeficiente de solvencia adecuado es un elemento importante para la estabilidad del sistema bancario, ya que presupone una buena capacidad para absorber las pérdidas derivadas de shocks adversos en los balances de las entidades, continuando así su papel de intermediación financiera. Para lograr los resultados, a partir del análisis de los Efectos de la Recapitalización del Sistema Financiero en el crecimiento económico de Mozambique en el periodo comprendido entre 2015 y 2020 en Moza Banco, debido a factores coyunturales y a la situación económica de Mozambique, motivó al autor a realizar esta investigación con el apoyo metodológico de la investigación bibliográfica a través de la consulta de diversas obras literarias y

documentos publicados, guías de entrevistas para el Banco de Mozambique, Moza Banco y la Asociación Mozambiqueña de Bancos el análisis de los ratios prudenciales del Banco para el período, el análisis de las estadísticas de crecimiento económico permitieron concluir que la recapitalización de Moza Banco trajo efectos positivos al crecimiento económico y a la solidez del sistema financiero, observando la importancia de este banco en el mercado, debido a la cartera de clientes valorada en 8 mil empresas y 93 mil personas naturales. El estudio analiza los límites de las ratios prudenciales para garantizar una mayor solidez del sistema financiero y el interés de los depositarios, junto con estrictas medidas de supervisión para las entidades de crédito y las empresas financieras.

Palabras clave: Recapitalización, Sistema Bancario, Crecimiento Económico, Mozambique y Moza Banco.

INTRODUÇÃO

Segundo dados do Banco de Moçambique (2016), o Moza era o quarto maior banco de Moçambique com mais de 93 mil clientes particulares, oito mil empresas e uma quota de 7,71% do mercado, com 48 agências em praticamente todo o país, o que significa que se fosse irreversível a liquidação do Moza Banco, iria de imediato afectar negativamente oito mil empresas e 93 mil clientes particulares, criando desta forma uma instabilidade no sistema financeiro moçambicano e consequente descredibilização do Sistema Financeiro. Neste contexto, o presente estudo vai analisar os efeitos da recapitalização do sistema financeiro para o crescimento económico em Moçambique. O Portal de Informação da Associação Moçambicana de Bancos (2017), a recente crise do sistema financeiro, 2015-2017 que culminou com liquidação do Nosso Banco e a recapitalização do Moza Banco, trouxeram a necessidade de uma adaptação rápida de modo a evitar o colapso do sistema financeiro e consequentes desafios adicionais ao Banco de Moçambique como entidade reguladora. Maleiane (2014), a primeira grande reforma

decorre em 1992, quando se dá a separação das funções do Banco Comercial e Banco de Moçambique e uma primeira liberalização dos mercados financeiros. O Banco de Moçambique passou a exercer exclusivamente as actividades referentes a Banco Central, sendo que na altura todas actividades do banco comercial foram transferidas para o Banco Comercial de Moçambique (BCM), com o objectivo de abrir o mercado bancário a investidores estrangeiros, iniciando desta forma o processo de saneamento das carteiras de crédito nos bancos comerciais.

O Relatório do Banco de Moçambique (2016), a queda do investimento directo estrangeiro e das exportações, associados aos choques domésticos mencionados, nomeadamente calamidades naturais, fizeram com que a taxa de câmbio do Metical voltasse a registar uma elevada depreciação nominal em 2016. o Banco de Moçambique refere que a pressão sobre a taxa de câmbio, reflectindo uma maior procura de divisas no mercado cambial, foi notória nos primeiros nove meses do ano, tendo a taxa de câmbio aproximado os 80 Meticais por Dólar norte-americano. A desaceleração da produção doméstica e a elevada depreciação da taxa de câmbio impactam severamente no comportamento da inflação, que passou de 11,0% em Dezembro de 2015 para 25,7% em finais de 2016. A revista de imprensa (2016), referente ao mês de Junho de 2016, o Banco de Moçambique foi chamado a tomar medidas de ajuste macroeconómico e do sector financeiro em 2016. Assim, a taxa de juro da Facilidade Permanente de Cedência de Liquidez (FPC) incrementou-se para 23,5% e da Facilidade de Depósitos (FPD) para 16,5%, enquanto o coeficiente de reservas obrigatórias ajustou-se em alta para 15,5%, para ambos os passivos denominados em moeda nacional e moeda estrangeira, devendo estes últimos serem constituídos em moeda estrangeira. Essas medidas foram complementadas por acções no domínio da estabilidade financeira e por adopção de maior disciplina e transparência no mercado financeiro. Ao nível da estabilidade financeira, o Banco de Moçambique interveio em duas instituições de crédito, assumindo a

gestão directa no Moza Banco e revogando a licença de exercício de actividade no Nosso Banco, com o objectivo de mitigar o risco de contágio para todo o sistema, proteger os interesses dos depositantes e dos demais credores, bem como, assegurar a estabilidade dos mercados financeiros. Com estas intervenções, o sistema bancário nacional, assegurou a sua solidez, mantendo, deste modo, o rácio de solvabilidade acima dos padrões mínimos regulamentados.

O Relatório e Contas do Moza Banco (2017), no dia 5 de Dezembro de 2016, o Banco de Moçambique nomeou uma Comissão de Avaliação para conduzir o processo de recapitalização do Banco, sendo que a mesma era composta pelo Presidente do Conselho de Administração Provisório do Moza, um representante do Banco de Moçambique e outro do International Financial Corporation (IFC), uma entidade do Grupo Banco Mundial. Assim, em resultado do trabalho desenvolvido, a Kuhanha foi a entidade escolhida pelo Banco de Moçambique para proceder à recapitalização do Moza Banco no montante de MZN 8.170 Milhões. Em Moçambique, em 2008 foi realizada uma pesquisa no Instituto Superior de Transportes e Comunicações, subordinada o tema, efeitos da Reestruturação Bancária na sua Competitividade e Eficiência, pela estudante Soraia do 4º ano, sendo que de acordo com os documentos consultados poucas vezes na história do Sistema Financeiro Moçambicano se abordou em trabalhos científicos sobre a recapitalização do sistema financeiro em Moçambique. A maior parte das abordagens, estão relacionadas com entrevistas concedidas em torno da liquidação do Nosso Banco e a recapitalização do Moza Banco, relatórios e contas do Banco de Moçambique – 2015 a 2020, bem como os conceitos centrais de finanças e bancas que constam no preceituado livro de “Banca & Finanças – o Essencial sobre o Sistema Financeiro” lançado

em 2014, devidamente citado nesta tese de doutoramento.

Revisão de Literatura

De acordo com o Relatório e Contas do Banco de Moçambique (2017), o actual quadro regulamentar, as instituições de crédito devem manter a todo momento um rácio de solvabilidade não inferior a 8%. Alinhado aos princípios do Basileia II o regulamento estabelece limites relativos ao core tier I capital e tier I capital, sendo que, o core tier I capital não deve ser inferior a 2% do total apurado para os riscos de crédito, operacional e de mercado e o tier I capital não deve ser inferior a 4% do total apurado para os mesmos riscos.

O Relatório e Contas do Banco de Moçambique (2017) refere que a existência de um rácio de solvabilidade adequado é um elemento importante para a estabilidade do sistema bancário, pois, pressupõe uma boa capacidade de absorção de perdas resultantes de choques adversos sobre os balanços das instituições, continuando assim a desempenhar o seu papel de intermediação financeira. Em 2017 o rácio de solvabilidade do sistema bancário progrediu significativamente, contrariando o desempenho desfavorável verificado em 2016, tendo-se situado em 21,5% (8,8% em Dezembro de 2016) (Ibidem).

Segundo o Banco de Moçambique (2017), esta evolução em 12,7 pontos percentuais resulta do crescimento significativo dos fundos próprios agregados (cerca de 2 vezes mais do que o registado em 2016), consubstanciado com o decréscimo dos activos ponderados pelo risco em 16%. Na composição dos fundos próprios totais, os fundos próprios de base principais são os que concorrem maioritariamente para a formação do rácio de solvabilidade. O rácio fundos próprios de base principais – Core Tier I situou-se nos 29,2%, muito acima do mínimo estabelecido (Ibidem).

Tabela 1: Indicadores Prudências do Moza Banco 2014-2017

Evolução dos Rácios Prudências do Moza Banco	30/06/2017	31/12/2016	31/12/2015	31/12/2014
Fundos Próprios	2 188 590	-24 172 407	1 774 198	1 849 172
Total dos Riscos	19 000 570	24 445 833	17 839 843	17 682 748

Risco de Crédito na Posição Financeira	16 100 627	20 109 284	17 497 267	14 946 263
Risco de Crédito Fora da Posição Financeira	897 480	1 528 243	1 876 543	1 973 145
Risco Operacional do Mercado	2 002 462	2 808 306	342 576	2 736 484
Tabela 2: Rácio de Solvabilidade				
Tier I Core Capital	25%	-19%	7%	7%
Tier i Capital	12%	0%	3%	3%
Rácio de Solvabilidade Total	12%	-99%	10%	10%
Rácio de Solvabilidade Exigido	9%	8%	8%	8%

Fonte: *Compilado pelo Autor, 2023*

Tabela 3: Estrutura dos Accionistas do Moza Banco

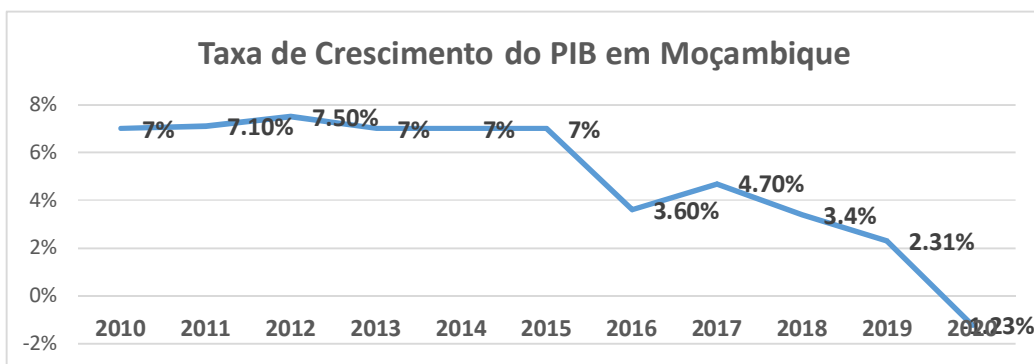
Accionistas	Número de Ações	Valor Nominal	Percentagem do Capital
Kuhanha, S.A	468,482	2,342,410,000	59.40%
Arise B.V	235,000	1,175,000,000	29.80%
Moçambique Capitais, SA	43,435	217,175,000	5.51%
NB ÁFRICA, SGPS, SA	41,732	208,660,000	5.29%
António Matos	1	5,000	0.00%
Total	788,650	3,943,250,000	100.00%

Fonte: *Relatório e Contas do Moza Banco 2020*

Crescimento Económico em Moçambique

Segundo o Fundo Monetário Internacional (2017), Moçambique está a converter-se numa economia de crescimento modesto, depois de anos a impor-se como um país de rápido crescimento, considera a última análise do Banco Mundial sobre o país, em 2017. "O desenvolvimento na segunda metade deste ano indicam que o abrandamento do desempenho económico de Moçambique pode estar a instalar-se e a tornar esta economia, outrora em rápido crescimento, numa economia com um

ritmo de crescimento mais modesto", diz o Banco Mundial, citado pela (Reuters, 2017). Entre 2011 e 2015, a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) atingiu 7 por cento, assinala o Banco Mundial. "Embora as exportações de carvão e alumínio tenham disparado, as Pequenas e Médias Empresas (PMEs) ficaram ainda mais para trás, com destaque para o setor da indústria transformadora, que, pela primeira vez desde 1994, registou uma contração", lê-se no documento.



Fonte: *Adaptado pelo Autor Através das Publicações do Instituto Nacional de Estatística, 2023*

Gráfico 1: Evolução da Taxa do Crescimento do PIB em Moçambique

Conforme o gráfico 1, de 2015 para 2016, houve uma redução da taxa de Crescimento do

PIB em cerca de 4%, sendo que de 2016 para 2017, registou-se uma evolução de 3,6% para

4,7%, o que demonstra uma tendência da melhoria da economia através deste indicador. No entanto, de 2018 a 2020 registou-se uma redução do produto interno Bruto, não obstante devido aos efeitos da COVID-19. Conhecido por uma forte evolução observada nos últimos anos, o PIB de Moçambique passou por uma aceleração, a economia de Moçambique cresceu, em média, 7,27% por ano entre 2006 e 2015, evolução que atraiu forte interesse de investidores estrangeiros. Desta forma e tendo como base a informação recolhida, podemos concluir que de certo modo a recapitalização do Moza Banco teve efeitos positivos para o crescimento do Produto Interno Bruto de 2016 para 2017 e consequente melhoria dos indicadores prudenciais.

Determinantes de Crescimento Económico em 2015 e 2020

Financeira global em 2015 voltou a ser caracterizada por riscos acrescidos. Por um lado, as economias avançadas registaram um crescimento económico mais em linha com as previsões feitas, sustentado pela aceleração do crescimento nos Estados Unidos da América, mas, por outro, há a destacar o abrandamento da actividade económica nas economias de mercados emergentes, a reflectir a desaceleração do crescimento da economia chinesa, a contracção da economia do Brasil e da Rússia, num contexto em que as economias da África Sub-Sahariana também registaram uma desaceleração. A queda do preço do petróleo, e de outras matérias-primas no mercado internacional, associada à redução do fluxo de capitais para as economias emergentes de África em particular, provocou uma pressão cambial generalizada nestas economias. Entretanto, as perspectivas do World Economic Outlook para 2016 apontam para uma ligeira melhoria nos factores de risco da conjuntura internacional, em face da esperada recuperação do preço do petróleo.

Em 2015, a economia moçambicana esteve sujeita a diferentes choques, internos e externos, com impacto na actividade económica e no comportamento dos principais indicadores macroeconómicos. A elevada depreciação do Metical, particularmente em

relação ao Dólar norte-americano, impactou de forma particular no indicador de inflação, sobretudo na parte final do ano. A flutuação da taxa de câmbio, entre outros factores, esteve associada à conjuntura internacional, marcada pela queda dos preços das mercadorias e pela redução dos fluxos de Investimento Directo Estrangeiro e de ajuda externa, num contexto de fortalecimento do Dólar no mercado internacional, sem descurar o efeito dos choques naturais (cheias e estiagem) e da instabilidade político-militar em algumas regiões do País. Em 2015, a taxa de crescimento real do produto interno bruto abrandou em 80 pontos base, para 6,6%, a reflectir a desaceleração da produção nos ramos da indústria extractiva, construção e dos serviços de restauração e hotelaria, sectores penalizados pelos efeitos negativos de choques internos e externos na produção, enquanto os ramos da agricultura, da indústria transformadora e dos serviços de transportes e comunicação registaram uma aceleração do ritmo de crescimento.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística (2016), a inflação, medida pelo índice de preço no consumidor da cidade de Maputo, acelerou para 11,1% (após 1,1% em 2014), em resultado do abrandamento da produção doméstica de produtos alimentares, da tensão político-militar que condicionou a livre circulação de pessoas e bens, do impacto da depreciação do Metical, do incremento dos preços de produtos alimentares importados da África do Sul e do efeito do ajuste dos preços de diversos bens e serviços com preços administrados. Para fazer face à pressão inflacionária, o Banco de Moçambique alterou, a partir de Setembro de 2015, o ciclo de política monetária, ajustando em alta as taxas de juro das Facilidades Permanentes de Cedência de liquidez (FPC) e de Depósitos (FPD) no Mercado Monetário Interbancário, bem como do coeficiente de reservas obrigatórias, medidas que foram complementadas pelo reforço da persuasão moral e da supervisão prudencial e comportamental das instituições financeiras visando assegurar a adopção de boas práticas.

Determinantes do Crescimento Económico em 2016

Segundo o Fundo Monetário Internacional (2017), em Moçambique, o ano de 2016 foi marcado por uma Conjuntura Económica e Financeira caracterizada por choques internos e externos com impacto no desempenho da economia moçambicana. De entre eles, destacam-se a suspensão do apoio externo ao Orçamento do Estado e à Balança de Pagamento pelos parceiros de cooperação e a interrupção do programa que Moçambique vinha mantendo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), na sequência das dívidas não declaradas com garantias do Estado. A suspensão do apoio externo agravou as condições de financiamento do Orçamento de Estado e da economia no geral, num contexto em que a credibilidade do País foi severamente afectada. Ademais, em 2016, o país voltou a ser afectado por choques climáticos, como a estiagem nas regiões sul-centro e chuvas excessivas no centro-norte, que combinado com o alastramento da tensão político-militar comprometeram a actividade agrícola e a circulação de pessoas e bens. A combinação destes factores exógenos resultou na desaceleração dos principais sectores da actividade económica, tendo o Produto Interno Bruto desacelerado para 3,8% em 2016, após 6,6% em 2015. A queda do investimento directo estrangeiro e das exportações, associados aos choques domésticos mencionados, fizeram com que a taxa de câmbio do Metical voltasse a registar uma elevada depreciação nominal em 2016.

O Relatório e Contas do Banco de Moçambique (2016), refere que o Banco de Moçambique foi chamado a tomar medidas de ajuste macroeconómico e do sector financeiro em 2016. Assim, a taxa de juro da Facilidade Permanente de Cedência de Liquidez (FPC) incrementou-se para 23,5% e da Facilidade de Depósitos (FPD) para 16,5%, enquanto o coeficiente de reservas obrigatórias ajustou-se em alta para 15,5%, para ambos os passivos denominados em moeda nacional e moeda estrangeira, devendo estes últimos serem constituídos em moeda estrangeira.

Determinantes do Crescimento Económico em 2017

Segundo o Relatório e Contas do Banco de Moçambique (2017), a economia moçambicana, avaliada pelo desempenho dos principais indicadores económico-financeiros, recuperou consideravelmente do estado de crise em que se encontrava no ano anterior.

Com efeito, o metical fortificou-se face às principais moedas internacionais, a inflação abrandou de forma assinalável para um dígito, as reservas internacionais do país aumentaram para USD 3.299 milhões, em termos brutos (valor suficiente para cobrir 7,3 meses de importações de bens e serviços, excluindo grandes projectos), e lográmos uma maior estabilização e reforço da solvabilidade e da liquidez do sector bancário moçambicano, (Banco de Moçambique, 2017).

FMI (2017) assinala que o desempenho positivo dos indicadores económico-financeiros de Moçambique provieram de medidas restritivas tomadas no ano anterior, visando fazer frente à então conjuntura económico-financeira adversa, bem como a melhoria das condições climáticas e o fim das hostilidades militares. Em Abril de 2017, após a avaliação das perspectivas que apontavam para a continuação da desaceleração da inflação no horizonte de médio prazo, iniciámos o refreamento da restritividade da política monetária, postura que se prolongou até ao fim do ano.

O Banco de Moçambique foi chamado a introduzir a taxa de juro do mercado monetário interbancário de Moçambique (taxa MIMO), firmou-se um acordo com o sistema bancário sobre o indexante único da taxa de juros, introduzimos a taxa de câmbio de referência do mercado cambial, introduzimos o princípio de unicidade da taxa de câmbio, assim como, liberalizámos totalmente as transações correntes e parcialmente as transacções de capital.

Segundo o Relatório e Contas do Banco de Moçambique (2017, ao nível prudencial, e tendo em vista reforçar a estabilidade, robustez e confiança no sistema financeiro, aprovou o aumento dos capitais mínimos para os bancos comerciais, alterando dessa forma os mecanismos de apuramento dos fundos

próprios regulamentares e dos rácios e limites prudenciais para as instituições de crédito.

Ao nível microeconómico, as contas do Banco de Moçambique fecharam com um resultado líquido positivo de 5.587,90 milhões de Meticais no exercício de 2017, gerado, essencialmente, por operações financeiras, mormente os ganhos com as operações realizadas nos mercados cambial e monetário, assim como com os juros de aplicações das reservas externas no mercado internacional.

As reformas que estavam em curso do lado monetário e do lado fiscal, num ambiente de estabilidade sócio política a nível nacional e de crescimento das economias internacionais, permitem-nos antever, para 2018, a continuação da retoma da economia moçambicana.

No seu Relatório e Contas 2017, o Banco de Moçambique refere que assistiu-se a um retorno gradual à normalidade dos indicadores económicos e financeiros, que se haviam degradado substancialmente no ano anterior. Estas melhorias são, em grande medida, o reflexo de um conjunto de medidas macroeconómicas tomadas pelas autoridades, das quais se destacam as de política monetária e cambial adoptadas pelo Banco de Moçambique (BM). Com efeito, a inflação anual, medida pela evolução do índice geral de preços de Moçambique, desacelerou significativamente, para 5,65%, em Dezembro de 2017, após 25,27%, em igual período do ano anterior, traduzindo o efeito da política monetária restritiva sobre a procura agregada, aliado à contenção da despesa por parte do Estado. Mais ainda, o aumento da oferta de produção doméstica de produtos agrícolas, traduzindo a melhoria das condições climáticas e a normalização da circulação de pessoas e bens, com o fim das hostilidades militares, contribuíram para a desaceleração da variação anual dos preços domésticos.

Determinantes do Crescimento Económico em 2018

Segundo o Relatório e Contas do Banco de Moçambique (2018), em 2018 assistiu-se à consolidação da estabilidade dos indicadores

económicos e financeiros, suportada pela continuidade da postura de política monetária prudente e do reforço das medidas de consolidação fiscal.

Para o Instituto Nacional de Estatística [INE] (2018), a inflação anual, medida pela evolução do Índice Geral de Preços no Consumidor (IPC) de Moçambique, manteve-se baixa e estável, tendo desacelerado para 3,52% em Dezembro de 2018, após 5,65% no período homólogo, traduzindo a persistência da procura agregada reprimida, aliada, não só à relativa estabilidade cambial, como também à oferta regular de produtos agrícolas nacionais na maior parte do ano.

O Relatório e Contas do Banco de Moçambique (2018), refere que a paridade do Metical face às principais moedas transaccionadas no mercado cambial moçambicano depreciou de forma ligeira. Por exemplo, em relação ao Dólar dos Estados Unidos da América (USD), evoluiu de 58,88 meticais, no último dia de Dezembro de 2017, para 61,43 meticais, em finais de 2018. No que diz respeito à actividade económica, assistiu-se, no entanto, pelo quarto ano consecutivo, a uma desaceleração do crescimento, a traduzir, entre outros, o efeito da procura agregada ainda reprimida e dos choques climáticos registados no quarto trimestre do ano, bem como da volatilidade dos preços das mercadorias no mercado internacional. De facto, de acordo com a informação publicada pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), o PIB real de 2018 cresceu, em termos anuais, em 3,4%, após 3,7% e 3,8% em 2017 e 2016, respectivamente, uma queda que reflectiu o menor dinamismo dos sectores da agricultura, da indústria extractiva e dos transportes e comunicações.

Adicionalmente, em 2018 o défice da conta corrente agravou para USD 4.347 milhões (o equivalente a 31,50% do PIB) face a USD 1.762 milhões (o equivalente a 20,40% do PIB) um ano antes, reflectindo basicamente o aumento dos pagamentos de serviços especializados efectuados pelos grandes projectos em USD 1.100 milhões, conjugado com o incremento do défice da conta de bens,

em face de um crescimento das importações em magnitude superior ao da expansão das exportações.

O facto acima teve como impacto o desgaste das reservas internacionais líquidas em USD 218 milhões de dólares, com reflexo na diminuição do saldo das reservas internacionais brutas para USD 3.040 milhões, cifra equivalente à cobertura de 6,3 meses de importações de bens e serviços, excluindo as dos grandes projectos.

Segundo o Banco de Moçambique (2018), relativamente às finanças públicas, o ano em análise foi marcado pela continuação do processo de consolidação e reestruturação fiscal iniciado pelo Governo em 2016, o qual determinou, entre outros, a reestruturação de empresas públicas ou participadas pelo Estado e a eliminação dos subsídios dos preços dos combustíveis e do trigo. Em 2018 tal processo incidiu essencialmente sobre: (i) a implementação de medidas visando a contenção da despesa pública; (ii) o ajustamento em alta dos preços de alguns bens e serviços administrados; e (iii) o pagamento de atrasados aos fornecedores de bens e serviços ao sector público. Como resultado destas medidas, o défice primário, principal indicador de consolidação fiscal, reduziu de 4,7% do PIB, em 2016, para 1,6%, em 2018.

Determinantes do Crescimento Económico em 2019

Segundo o Banco de Moçambique (2019), os principais indicadores macroeconómicos e da saúde do sistema financeiro, evoluíram satisfatoriamente, não obstante a ocorrência de choques exógenos sobre a economia, num contexto de procura agregada contida e de necessidades acrescidas de recursos para minimizar os impactos negativos das calamidades naturais. Como resultado dos esforços realizados no quadro da implementação da estratégia nacional de inclusão financeira, o nível de inclusão financeira no país melhorou, tendo-se reflectido no incremento do acesso pela população aos produtos e serviços financeiros.

Para INE (2019), a inflação anual manteve-se baixa e estável, a traduzir a fraca procura agregada e a evolução favorável do preço dos combustíveis no mercado internacional, tendo-se situado em 3.50%, em 2019, equiparável a 3.52% observada em 2018. Por seu turno, as reservas internacionais do país, em termos brutos, situaram-se em níveis que garantem a cobertura de mais de seis meses de importações de bens e serviços, excluindo as dos grandes projectos. O Produto Interno Bruto (PIB) incrementou em 2,3%, nível moderado para o potencial da economia, a reflectir a conjugação de efeito de uma procura interna reprimida e o impacto negativo dos ciclones Idai e Kenneth sobre a produção agrícola e infra-estruturas, num contexto de limitados recursos financeiros do Estado.

O Relatório e Contas do Banco de Moçambique (2019), salienta que em face das perspectivas de desaceleração da inflação no médio prazo, o Banco de Moçambique (BM) continuou com o ciclo de redução das taxas de juro directoras, com impacto na queda das taxas de juro do mercado monetário interbancário e da prime rate do sistema financeiro. Entretanto, perante a excessiva volatilidade do Dólar norte-americano, sobretudo nos primeiros dois meses de 2019, o BM aumentou o coeficiente de Reservas Obrigatórias para passivos em moeda estrangeira.

Determinantes do Crescimento Económico em 2020

O Relatório do Banco de Moçambique (2020), refere que o ano de 2020 foi marcado pela eclosão e propagação da COVID-19, facto que condicionou toda a envolvente macroeconómica e impôs desafios acrescidos aos formuladores de política para a mitigação dos seus impactos. O Banco de Moçambique (BM) tomou medidas de política monetária, prudencial, cambial e do âmbito do sistema de pagamentos, cujos efeitos se traduziram na maior disponibilidade de liquidez, contenção de custos de financiamento e flexibilização de operações e transacções financeiras. O destaque vai para a redução das taxas de juro directoras, a introdução de isenção da cobrança

de encargos e comissões nas transferências de cliente para cliente e a introdução de uma linha de financiamento em moeda estrangeira para os bancos comerciais.

O Banco de Moçambique (2020), refere que o impacto negativo da COVID-19 sobre a procura externa e interna concorreu para a contracção da actividade económica em 1,2%, reflexo do desempenho negativo de quase todos os sectores de actividade, o que foi agravado pela instabilidade militar nas regiões centro e norte do país. A fraca procura, aliada a contenção dos preços dos bens e serviços administrados para mitigar os efeitos da pandemia, contribuiu para a manutenção de uma inflação baixa e estável, não obstante a depreciação do Metical. Com efeito, a inflação anual de Moçambique situou-se em 3,52%, contra 3,50% em 2019, num contexto em que o Metical se depreciou em cerca de 21% relativamente ao Dólar norte-americano. Enquanto isso, as reservas internacionais do país, em termos brutos, permaneceram em níveis confortáveis, garantido a cobertura de

mais de seis meses de importações de bens e serviços, excluindo as dos grandes projectos.

Ao nível do sistema nacional de pagamentos e inclusão financeira, em 2020, o Banco de Moçambique garantiu (i) o funcionamento adequado dos subsistemas geridos por si, (ii) a liquidação dos resultados dos subsistemas geridos por outras instituições, e implementou em conjunto com o sistema financeiro nacional medidas extraordinárias para mitigar o impacto da COVID-19.

De acordo com a publicação World Economic Outlook (WEO) de Outubro de 2021, do FMI, em 2020 a economia mundial contraiu em 3,1%, em resultado da redução da actividade económica em todos os blocos económicos, facto que acontece pela primeira vez desde a Grande Depressão de 1929 (Tabela 60). Este desempenho é justificado pela eclosão e propagação da COVID-19 a nível mundial e consequente imposição de medidas restritivas para a conter, num contexto de agravamento da tensão comercial e geopolítica, sobretudo entre a China e os Estados Unidos da América (EUA).

Tabela 4: Evolução do PIB e do IPC em Economias Seleccionadas

Região	PIB - Variação Real (%)			IPC - Variação Anual (%)		
	2018	2019	2020	2018	2019	2020
Economia Mundial	3,6	2,8	-3,1	3,6	3,4	3,2
Economias Avançadas	2,2	1,6	-4,5	2,0	1,4	0,7
Estados Unidos da América	2,9	2,3	-3,4	2,4	2,3	1,4
Zona do Euro	1,9	1,5	-6,3	1,8	1,3	-0,3
Japão	0,3	-0,2	-4,6	1,0	0,8	-1,2
Reino Unido	1,3	1,7	-9,8	2,5	1,3	0,6
Economias de Mercados Emergentes	4,5	3,6	-2,1	4,9	5,1	5,1
Brasil	1,3	1,4	-4,1	3,7	4,3	4,5
Índia	6,8	4,8	-7,3	3,4	7,4	4,6
Rússia	2,3	1,4	-3,0	2,9	3,0	4,9
China	6,6	6,0	2,3	2,1	4,5	0,2
Economias da África Subsaariana	3,2	3,2	-1,7	8,4	8,5	10,6
África do Sul	0,2	0,1	-6,4	4,6	4,0	3,1

Fonte: WEO (Outubro 2021), Reuters e Trading Economic

Economias Avançadas e Emergentes

Segundo a Publicação da World Economic Outlook (2020), no bloco das economias avançadas a contracção decorreu da significativa redução do comércio externo, investimento e consumo, num contexto de

restrições de mobilidade e encerramento de empresas. Nas economias emergentes apenas a China logrou um crescimento positivo, de 2,3%, a traduzir o incremento das suas exportações e do consumo interno, principalmente no 2.º semestre de 2020, em face do relativo controlo da COVID-19. No

que tange à evolução do nível geral de preços, em 2020 observou-se um comportamento misto. Nas economias avançadas registou-se uma desaceleração acentuada, com a inflação a situar-se abaixo das metas de médio prazo, e nos mercados emergentes a inflação manteve-se estável.

A World Economic Outlook (2020), refere que a desaceleração da inflação nas economias avançadas decorreu da redução do preço internacional dos combustíveis líquidos e da contracção da procura. Em face das baixas perspectivas de inflação e maior contracção do PIB, os bancos centrais destes países adoptaram uma postura de política monetária mais acomodatória, materializada por (i) cortes na taxa de referência e (ii) reforço nos programas de compra de títulos. Por exemplo, o Federal Reserve Bank dos EUA (FED) reduziu a sua taxa de referência em 150 pb, situando-se no intervalo de 0,00% a 0,25% ao longo do ano. Os bancos centrais dos países de mercados emergentes também reduziram as taxas de referência e promoveram pacotes de compra de títulos visando injectar liquidez na economia. O Reserve Bank of India (RBI) e o People's Bank of China (PBoC) cortaram as suas taxas em 115 pb e 30 pb, para 4,00% e 3,85%, respectivamente.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho foi realizado na Cidade de Maputo, e procura focar os efeitos da recapitalização do sistema financeiro para o crescimento económico em Moçambique no período compreendido entre 2015 a 2020, o caso da recapitalização do Moza Banco regista no período em referência. Segundo Freixo (2009), a metodologia consiste num conjunto de métodos e de técnicas que orientam a elaboração do processo de investigação científica. Igualmente foram feitos testes do índice Herfindahl (também conhecido como índice Herfindahl-Hirschman, ou IHH) é uma medida da dimensão das empresas relativamente à sua indústria e um indicador do grau de concorrência entre elas. Assim chamado a partir do nome dos economistas Orris C. Herfindahl e Albert O. Hirschman, é um conceito económico amplamente utilizado

na aplicação das regras da defesa da concorrência, da regulação antitrust[1] e também da gestão da tecnologia.[2]

Define-se como a soma dos quadrados das quotas de mercado (em inglês, "market share") das empresas que compõem o ramo de actividade (por vezes limitadas às 50 maiores empresas), em que as quotas de mercado são expressas em valores decimais (ou, de forma equivalente, em percentagens). Assim, considerando as quotas em valores decimais, o índice pode variar entre 0 a 1, tendendo para 0 quando há um número enorme de pequenas empresas (mercado competitivo) e para 1 quando há poucas empresas (mercado oligopolista); no limite, havendo apenas um produtor (monopólio), o índice será 1. Portanto, quanto maior o índice, maior o nível de concentração.

Se, alternativamente, é calculado com percentagens, o índice pode variar entre 0 e 10,000 "pontos". Por exemplo, um índice de 0,25 (usando decimais) é o mesmo de 2.500 pontos (usando percentagens). A grande vantagem do índice Herfindahl em relação a outras medidas, como o rácio de concentração, é porque dá um peso maior às empresas maiores.

Segundo a definição, o índice Herfindahl (H) obtém-se por:

$$H = \sum_{i=1}^N q_i^2$$

Em que q_i é a quota de mercado da empresa i no mercado, e N é o número de empresas. Assim, num mercado com duas empresas em que cada uma tem uma quota de mercado de 50 por cento, o índice Herfindahl é igual a $0,502 + 0,502 = 1/2 = 0,5$.

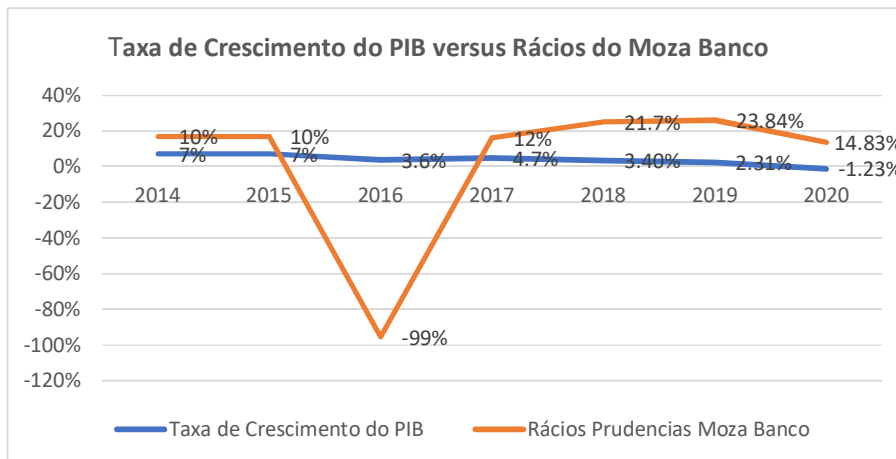
O índice Herfindahl (H) varia de $1/N$ até 1, em que N é o número de empresas no mercado. De forma equivalente, se as percentagens são usadas como números inteiros, com 75 em vez de 0,75, o índice pode ascender a 1002, ou 10.000. Um H abaixo de 0,01 (ou de 100) indica um mercado altamente concorrencial. Um H abaixo de 0,15 (ou de 1.500) indica um sector não concentrado. Um H entre 0,15 e 0,25 (ou entre 1.500 e 2.500) indica uma concentração moderada. Um H acima de 0,25

(acima de 2.500) indica uma elevada concentração.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme o gráfico 5, os resultados da pesquisa mostram que de 2016 a 2019 houve uma evolução dos rácios prudenciais do Moza Banco após a recapitalização do mesmo passando de -99% para 23.84%, no entanto devido aos efeitos negativos da COVID-19, de 2019 para 2020 houve uma redução do rácio do

Banco de 23,84% para 14.83%. Ainda conforme os resultados da pesquisa pode-se verificar que não existe correlação entre a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto em Moçambique e a evolução dos rácios Prudenciais do Moza Banco no período em Estudo. Podemos notar ainda que a taxa do crescimento do PIB no período em referência foi modesta e reduziu de 2015 para 2020, este último período foi influenciado pelos efeitos negativos da COVID-19.



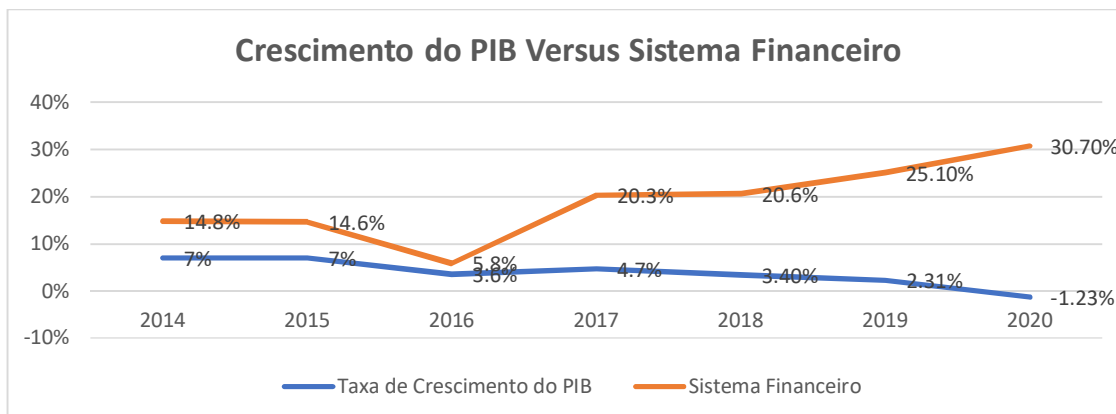
Fonte: Adaptado pelo Autor, 2024

Gráfico 2: Taxa de Crescimento do PIB Versus Rácios do Moza Banco

O Rácio de Solvabilidade registou um aumento de 2017 a 2019 de 12% para 23,84%, no entanto a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto registou uma redução, o que podemos concluir que no período em

referência, não existe uma correlação positiva entre o crescimento do rácio prudencial do Banco e o Produto Interno Bruto dada a relação inversa de 2017 a 2019.

Performance e Robustez do Sistema Financeiro 2015-2020



Fonte: Adaptado pelo Autor, 2024

Gráfico 3: Taxa de Crescimento do PIB Versus Sistema Financeiro

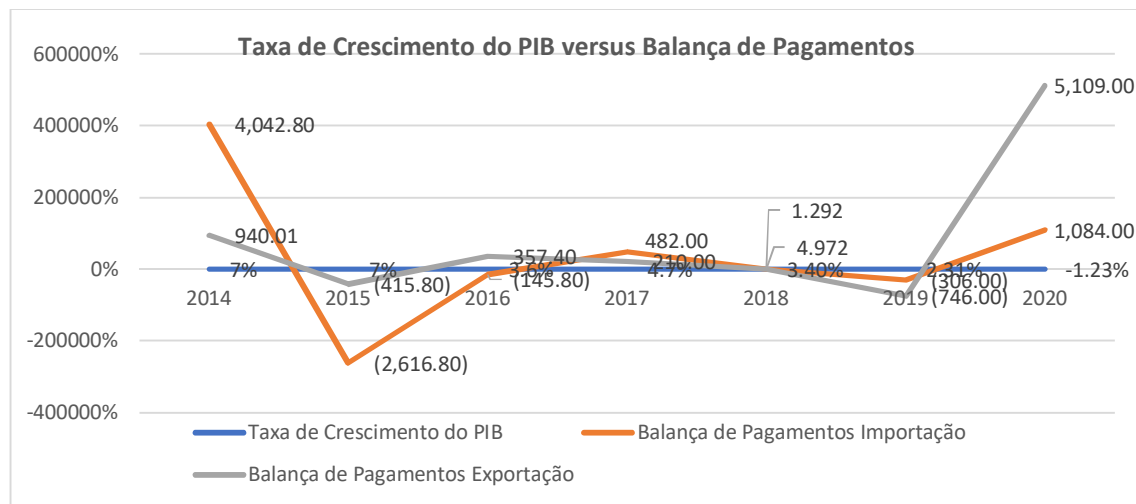
De acordo com o actual quadro regulamentar, os bancos devem manter a todo momento um rácio de solvabilidade não inferior a 12%, e para as restantes instituições de crédito não deve ser inferior a 8%. Alinhado com os princípios de Basileia II, o regulamento estabelece limite relativo ao Tier I Capital, o qual, para os bancos, não deve ser inferior a 10%, e para as restantes instituições de crédito não deve ser inferior a 4% do total apurado para os riscos de crédito, operacional e de mercado. A existência de um rácio de solvabilidade adequado é um elemento importante para a estabilidade do sistema bancário, pois pressupõe uma boa capacidade de absorção de perdas resultantes de choques adversos sobre os balanços das instituições, continuando, assim, a desempenhar o seu papel de intermediação financeira.

Assim, com base no gráfico 3, o estudo concluiu que não existe uma correlação directa entre a

evolução do sistema financeiro e a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto. O Estudo conclui igualmente que após a recapitalização do Moza Banco em 2016, o sistema financeiro teve um crescimento significativo de 5,8% para 30,7% registado em 2020 como consequência da manutenção de rácios de solvabilidade recomendados pelo Banco de Moçambique aos Bancos comerciais, proporcionando desta forma a robustez dos Sistema Financeiro Moçambicano. Por outro lado, com base no gráfico 85 podemos observar que de 2017 a 2020 o Produto Interno Bruto de Moçambique registou uma redução.

Na composição dos fundos próprios totais, os fundos próprios de base principais são os que concorreram, maioritariamente, para a formação do rácio de solvabilidade (gráfico 85). O rácio de fundos próprios de base principal - CoreTier I - situou-se em 30,7%, muito acima do mínimo estabelecido.

Efeitos da Recapitalização do Moza Banco para o Crescimento Económico



Fonte: Adaptado pelo Autor, 2024

Gráfico 4: Taxa de Crescimento do PIB Versus Balança de Pagamentos 2014-2020

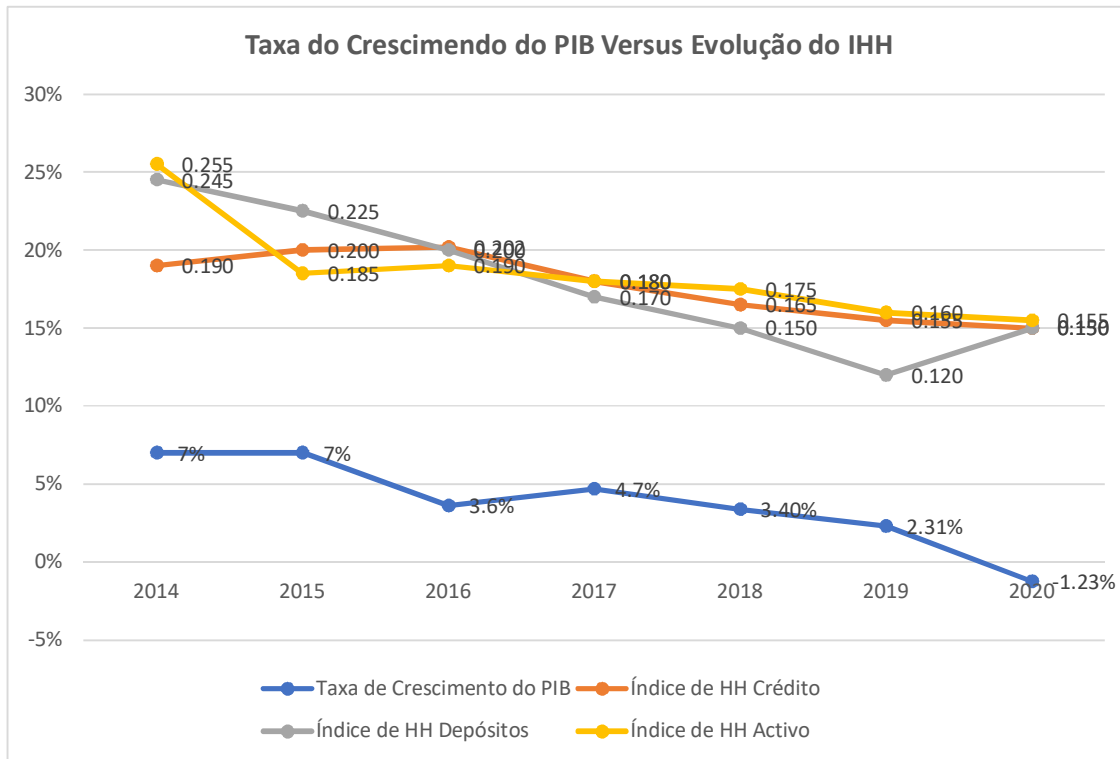
Conforme os resultados da pesquisa, não existe uma correlação entre a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto e a Balança de Pagamentos de 2015 a 2020. No entanto, nota-se um desequilíbrio entre a importação em exportação, ou seja, Moçambique importou mais bens e serviços no período em referência que denota a necessidade de aumentar a capacidade de exportação de bens para melhorar a balança de pagamentos.

Os resultados da pesquisa indicam que o sector bancário moçambicano regista taxas de

concentração razoáveis, denotando uma redução gradual ao longo dos últimos anos, contrariando o cenário passado, em que se verificavam elevadas taxas de concentração no sistema, conforme se pode avaliar pela evolução do Índice de Herfindahl-Hirschman. Em finais de 2020, os cinco maiores bancos concentravam 78,27% dos activos totais, 77,86% do crédito e 82,46% dos depósitos do sistema bancário, tendo o índice de concentração Herfindahl-Hirschman se fixado em 0,149 (0,159 em Dez/19) para crédito; 0,158 (0,164

em Dez/19) para activos; e 0,178 (0,184 em Dez/19) para depósitos. O ano de 2020 também foi marcado por algumas oscilações das quotas de mercado ao nível dos grandes bancos, com a maioria destes a reduzirem as suas quotas a favor dos pequenos, tendo um e outro banco deste grupo registado um ligeiro aumento. Notou-se ao nível dos bancos pequenos uma ligeira disputa de quotas

de mercado, com um ligeiro crescimento nuns e redução noutros, revelando o êxito das estratégias de alguns bancos na captação de depósitos, na expansão da carteira de crédito e da rede de balcões e, consequentemente, no aumento das suas quotas de mercado por partilha com os bancos já estabelecidos.



Fonte: Adaptado pelo Autor, 2024

Gráfico 5: Taxa de Crescimento do PIB Versus Evolução do IHH (2014-2020)

O Índice Herfindahl-Hirschman é uma equação que mede com precisão a concentração de mercado entre os concorrentes. Esta é uma ferramenta popular não apenas para determinar os níveis de concentração, mas também para provar a existência de monopólios e outras práticas desleais. Embora este seja um método comumente aceite, ainda existem muitos problemas com a utilização deste índice. A segregação das instituições com base na dimensão das suas quotas de mercado revela que, do total de instituições analisadas, seis detêm, na categoria de activos, quotas superiores a 5%, e cinco instituições detêm acima de 5% em depósitos e crédito. Para o

quadrante de quotas situado entre 2% e 5%, na categoria de activos estão duas instituições, nos depósitos quatro e no crédito cinco. Relativamente ao quadrante de quotas abaixo de 2%, 26 instituições encontram-se nesta categoria para os activos, depósitos e crédito.

CONCLUSÃO

Este trabalho, sob ponto de vista científico, apresenta uma primeira abordagem à data, em torno dos Efeitos da Recapitalização do Sistema Financeiro para o Crescimento Económico em Moçambique, no caso do Moza Banco 2015-2020, através da análise dos Rácios Prudenciais do Banco, conforme o

estabelecido dos Acordos de Basileia, I, II e III, conjugado com Lei nº 20/2020, de 31 de Dezembro - Lei das Instituições de Crédito e Sociedades Financeiras, bem como a Lei nº 1/92, de 3 de Janeiro – Lei Orgânica do Banco de Moçambique.

Após análise dos Rácios Prudenciais, permitiram concluir que os indicadores prudências do Moza Banco, degradam-se significativamente de 2015 para 2016, afectando negativamente no sistema financeiro, sendo que olhando pelo Rácio de Solvabilidade do Banco, o mesmo se encontrou muito abaixo do mínimo estabelecido pelo regulador, a se situar em -99%, contra o mínimo de 8% estabelecido pelo regulador em 2016 e que a situação veio melhorar em 2017, uma vez que após a recapitalização este indicador situou-se em 12%, contra o mínimo de 9% exigido em 2017.

Os resultados da pesquisa mostram que a segregação das instituições com base na dimensão das suas quotas de mercado revela que, do total de instituições analisadas, seis detêm, nomeadamente (Banco Comercial de Investimentos, Banco Internacional de Moçambique, Standard Banco, Banco Absa, Moza Banco e BAÚ) na categoria de activos, quotas superiores a 5%, e cinco instituições detêm acima de 5% em depósitos e crédito. Para o quadrante de quotas situado entre 2% e 5%, na categoria de activos estão duas instituições, nos depósitos quatro e no crédito cinco. Relativamente ao quadrante de quotas abaixo de 2%, 26 instituições encontram-se nesta categoria para os activos, depósitos e crédito. Assim o Moza Banco tem uma expressão no mercado o que significa que em casos de falência poderia ter um efeito contágio expressivo no Sistema Financeiro.

O estudo concluiu que não existe uma correlação directa entre a evolução do sistema financeiro e a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto. O Estudo conclui igualmente que após a recapitalização do Moza Banco em

2016, o sistema financeiro teve uma evolução significativo de 5,8% para 30.7% registado em 2020 como consequência da manutenção de rácios de solvabilidade recomendados pelo Banco de Moçambique aos Bancos comerciais, proporcionando desta forma a robustez dos Sistema Financeiro Moçambicano. Pode-se concluir ainda, que segundo o Relatório do BM (2017) o rácio de solvabilidade do sistema financeiro progrediu significativamente, contrariando o desempenho desfavorável verificado em 2016, tendo-se situado em 21,5% (8,8% em Dezembro de 2016). Esta evolução em 12,7 pontos percentuais resulta do crescimento significativo dos fundos próprios agregados (cerca de 2 vezes mais do que o registado em 2016), consubstanciado com o decréscimo dos activos ponderados pelo risco em 16%. O estudo, conclui-se que a recapitalização do Moza Banco trouxe efeitos positivos para o crescimento económico, primeiro olhando a importância do Moza Banco no mercado, devido a carteira de clientes avaliada em 8 mil empresas e cerca de 93 mil particulares, isto é 7% da quota do mercado e em termos económicos manteve uma confiança de um grande nicho do mercado do sistema financeiro e devido a intensidade de investimentos aplicados para a recapitalização do Moza Banco, este foi considerando um banco estruturante no sistema financeiro em termos económicos, no sentido de Ele mantém uma estrutura do mercado sólido, diferentemente do Nosso Banco que não tinha uma carteira de clientes que prejudicava a economia. E se a decisão fosse liquidar o banco, através de fundo de garantia de depósitos, este fundo não seria suficiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Associação Moçambicana de Bancos (2016). “Sector Bancário Moçambicano” pesquisa sobre o sector bancário em Moçambique. Maputo: Moçambique.
- Associação Moçambicana de Bancos (2016). News Letter da Associação

- Moçambicana de Bancos. Maputo: Moçambique.
- Avisos do Banco de Moçambique (2015). Indicadores Prudências Bancários. Maputo: Moçambique.
- Avisos do Manco de Moçambique (2016). Indicadores Prudências Bancários. Maputo: Moçambique.
- Agência Lusa (2017). Recapitalização do Moza Banco. Maputo: Moçambique.
- Acordo de Basileia I (2008). Rácios Prudências dos Bancos Comerciais. Brasil: Editora Atlas.
- Acordo de Basileia II (2012). Principais Alteração da Análise dos Rácios Prudências. Brasil: Editora Atlas.
- Acordo de Basileia III (2014). Princípios de Alteração da Análise dos Rácios Prudências. Brasil: Editora Atlas.
- Afonso M. (2010). O Papel do Banco Central em Portugal, Maputo: Editora Académica.
- Afonso (2010). Princípios da Recapitalização Bancária, Brasil: Editora Atlas.
- Afonso (2008). Acordos de Basileia no Sector Financeiro, Brasil, Editora Atlas.
- Arestis e Dematriades (1980): Inovação e Crescimento Económico, Brasil, Editora Escolar.
- Banco de Moçambique (2016). Estratégia Nacional de inclusão financeira 2016-2022: Maputo- Moçambique: BM.
- Caiado, A.C. (2008). Gestão de Instituições Financeiras. Portugal: Edições Silábo.
- Crocco, Cavalcante e Barra (2005): Ferramentas Essenciais do Sistema Financeiro. Portugal, Editora Escolar.
- Croco, Santos e Amaral (2010): O Papel dos Bancos Comerciais para o Desenvolvimento Económico, Brasil, Editora Escolar.
- Maleiane, A. (2014). Banca & Finanças, O Essencial Sobre o Sistema Financeiro. Maputo: Índico Editores.
- Banco de Moçambique (2015): Relatório e Contas do Banco de Moçambique, Maputo- Moçambique.
- Banco de Moçambique (2016): Relatório e Contas do Banco de Moçambique, Maputo – Moçambique.
- Banco de Moçambique (2017): Relatório e Contas do Banco de Moçambique, Maputo – Moçambique.
- Banco de Moçambique (2018): Relatório e Contas do Moza Banco, Maputo – Moçambique.
- Banco de Moçambique (2019): Relatório e Contas do Moza Banco, Maputo – Moçambique.
- Banco de Moçambique (2020): Relatório e Contas do Moza Banco, Maputo – Moçambique.
- Banco de Moçambique (2016): Relatório e Contas do Moza Banco, Maputo – Moçambique.
- Banco de Moçambique (2017): Relatório e Contas do Moza Banco, Maputo – Moçambique.
- Chang (2002): Rácios Prudências do Sector Financeiro. Portugal: Editora Escolar.
- Celso Furtado (1979): As Metanorfozes do Ssistema Financeiro. Brasil, Editora Escolar.
- Revista Economic Outlook (2010): Falência dos Bancos ao nível Mundial, disponível do websit.